

Aracy morreu de Vasco,
mas viveu pra cachorro!

Samanta Obadia

Aracy morreu de Vasco,
mas viveu pra cachorro!

LETRCAPITAL

Copyright © Samanta Obadia 2025

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados, sem a autorização prévia e expressa do autor.

EDITOR

João Baptista Pinto

REVISÃO

Maria Martha Maciel Alencastro de Souza

CAPA

Caró Lago

PROJETO GRÁFICO/EDITORIAÇÃO

Luiz Guimarães

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

O12a

Obadia, Samanta, 1967-

Aracy morreu de Vasco, mas viveu pra cachorro! / Samanta Obadia. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Letra Capital, 2025.

150 p. ; 14x21 cm.

ISBN 978-65-5252-191-0

1. Almeida, Aracy de, 1914-1988. 2. Cantoras - Brasil - Biografia. I. Título.

25-100130.0

CDD: 781.64092

CDU: 929:78.071.2

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB-7/6439

LETRA CAPITAL EDITORA

Tels.: (21) 3553-2236 / 2215-3781 / 99380-1465

www.letracapital.com.br

*Dedico a Samanta, a fox terrier minha xará,
por ter aberto o caminho,
pois fiquei à vontade ao entrar pela primeira vez
na casa de Aracy de Almeida e ver nosso nome entalhado
em madeira fina na parede da sala.
E a sua foto na cabeceira da cama de Araca.
É uma honra ter o seu nome.*

À Aracy de Almeida, por suas bênçãos.

*Em memória do amigo Luiz Carlos Saroldi,
por seu olhar único numa leitura repleta
de trocas literárias..*

*Às pessoas que acreditaram na força desse livro,
mesmo quando era um rascunho de ideias.*

AGRADECIMENTO

À Adelaide, por seu tempo e histórias inéditas sobre Aracy.

Aos entrevistados que cederam seu tempo, suas memórias e emoções que compõem esse livro.

À minha irmã Caró Lago, com seus traços transbordantes de um talento único.

À amiga Claudia Souto, por seu tempo precioso e olhar crítico, mulher e novelista admirável, com a qual compartilhei momentos inesquecíveis no Teatro e na vida. Filha de Aracy Souto, com seu sorriso inesquecível.

À Maria Martha, por sua revisão plena e sempre muito generosa.

À Letra Capital, por todo cuidado e carinho com a edição e publicação.

Aos cães que norteiam minha vida desde menina: Kit, Bolinha, Bolotinha, Neguinho, Lilico, Cherrie, Killer, Goofy, Mickey, Magali, Branquinha, Red, Ciça, Minie, Maria, Sofia, Molly, Princesa, Woody, Mike, Nininha, Beni, Lua, Laika, Leona, Luna, Jorge, Lucky, Luke, Apolo, Puppy, Tiny, Mel, Oreo, Pretinha, Chanel, Jade, Sheik, Duno, Paris, Londres, Lili, Morgana, Veludo, Garu, Tooty, Bege, Maia e tantos outros.

SUMÁRIO

Introdução	11
Como tudo começou?	13
Apresentação	17
Prólogo	19
Quem é Aracy?	21
Todo mundo nasce	22
Aracy, a cigarra.....	32
Aracy, a formiga	43
A dama e os vagabundos no mundo cão	46
Fábulas	56
Papo com JOÃO MÁXIMO	57
Primeiro contato telefônico com JORGE GOULART	60
Histórias na sala com NORA NEY	73
Um fio para CAOLA.....	74
Papos e mais papos telefônicos com ROBERTO NASCIMENTO	76
Curtíssimo depoimento de JAIR DO CAVAQUINHO	80
Inesquecível BILLY BLANCO.....	81
Um toque com PAULO MARQUEZ	83
CASA DOS ARTISTAS.....	85

MINHA TIA IRENE	87
AMADEO CELESTINO	87
PAULA DO SALGUEIRO	88
ROSINDA ROSA	88
EDISON NEQUETE.....	89
HENRIQUE CAZES	92
ELKE MARAVILHA.....	95
PEDRO DE LARA	99
J. RAMALHETE	103
JUCA CHAVES	107
SÉRGIO CABRAL	109
A afilhada ADELAIDE – A herdeira real	111
Fechamento.....	143
Relação das canções gravadas por Aracy que se encontram em <i>hyperlink</i> nesta obra, por ordem em que são citadas:.....	146
Fontes consultadas	148

INTRODUÇÃO

Mais um livro que espera a maioria para nascer. Por que será que existe um tempo certo para que algo seja revisto e reconstruído? Interessante como a arte se faz de acordo com a vida. Falar de Aracy de Almeida em 2025, num Brasil tão diferente do ano 2000, quando realizei a pesquisa para a confecção da peça de teatro “Aracy no país de Araca”¹, é um exercício maravilhoso de percepção do quanto essa mulher é atual e autêntica.

Aracy me encantou aos poucos

Como a maior parte dos brasileiros, minha lembrança infantil era a da caloura rabugenta do programa Silvio Santos. Contudo, minha curiosidade e disciplina me fizeram ir o mais longe possível nesta pesquisa. Consultei todos os nomes que eu podia alcançar para saber algo sobre Aracy de Almeida.

Eu li os artigos de jornais e revistas antigos, pesquisei na Biblioteca Nacional e no Museu da Imagem e do Som. Na verdade, não me interessava a biografia oficial. Eu queria conhecer a pessoa e não o mito.

1 <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento390394/aracy-de-almeida-no-pais-da-araca>

Assim, fui fuxicando a vida desta mulher, como quem escuta uma fofoca da vizinha ou ouve uma história na fila da padaria. Aquelas conversas leves que te levam a sorrir com os olhos lentamente até chegar nos lábios. E aos poucos, você se transfere para a época e começa a reviver um tempo que nunca foi seu. Mas, sua mente voa para tão pertinho que você se imagina lá, de butuca.

Vem comigo!

COMO TUDO COMEÇOU?

Adelaide, a afilhada de Aracy de Almeida, companheira de toda uma vida e herdeira legal, era famosa por não dar entrevistas. Mas eu precisava de histórias para minha pesquisa e não ia desistir facilmente. Insisti e fui diversas vezes bater em sua porta, pois ninguém sabia o seu telefone. Lá pela quarta vez, ouvi barulhos dentro da casa e continuamente bati palmas até que ela me atendesse. Por trás da porta, sem mostrar seu rosto, gritou dizendo que não iria atender, pois não dava entrevistas a ninguém. Ainda assim, permaneci na porta e falei sobre a peça que seria feita em homenagem a Aracy e que o nosso desejo era mostrar uma Aracy desconhecida pelo povo.

Irredutível, Adelaide manteve a sua posição em não abrir a porta.

Mas, eu acredito que quando algo tem de ser seu, será. E continuei insistindo, lhe dizendo que deixaria o meu telefone, caso ela mudasse de ideia, colocando por debaixo da porta um pequeno papel com o meu número. Percebi que ela pegara o papel, e ao ler o meu nome, perguntou: “Você se chama ‘Samanta’?”

Eu disse sim.

A porta abriu imediatamente e vi o rosto da simpática portuguesa, Adelaide, me dizendo “Pode entrar!”